SENTIDOS DE TRABALHO E PROFISSIONALIDADE NOS DISCURSOS DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Liliana Soares Ferreira[1]

INTRODUÇÃO

Este artigo relata investigação que relaciona elementos imbricados e em movimento: o trabalho e a profissionalidade[2], tendo os professores como sujeitos e a escola como o espaço-tempo. Os professores são sujeitos na medida em que são seres histórica e culturalmente constituídos, dotados de vontade e podem intervir em suas realidades, contribuindo para modificá-la. Esta contribuição advém do seu trabalho, pois é a maneira como o ser humano elabora as condições para a sua existência, sua historicidade e a si próprio, evidenciando uma profissionalidade, um conjunto de valores, crenças, representações, pelas quais se orienta e age. Não há professor sem aula, nas suas mais diversas manifestações. Aula é o espaço formal para a educação. Educação é interação entre os sujeitos, com suas historicidades e seus saberes. Segundo Frigotto, é "uma prática social, uma atividade humana e histórica que se define no conjunto das relações sociais, no embate dos grupos ou classes sociais, sendo ela mesma forma específica de relação social" (2003, p. 31). Com a linguagem, os sujeitos passam a socializar e a confrontar saberes, apropriando-se deles de maneira mais elaborada, produzindo conhecimento. É a superação da transmissão, da informação, é o momento de o sujeito sentir-se cada vez mais sujeito, com "suas múltiplas necessidades (materiais, biológicas, psíquicas, afetivas, estéticas, lúdicas)" (FRIGOTTO, 2003, p. 31). O espaço-tempo onde acontece a prática pedagógica é a escola, que congrega diversidades de culturas, de intencionalidades, de historicidades.

Com base nestes pressupostos, elaborei os caminhos metodológicos. Para tanto, considerei que o grande desafio, ao estudar um fenômeno consiste em elaborar uma metodologia embasada em uma teoria,

---

[1] Doutora em Educação, professora-adjunta do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

[2] Utilizo o termo profissionalidade no sentido de estar imerso no mundo de uma profissão, a ela se dedicar, entendendo-a como vir-a-ser contínuo, nunca está pronta.

orientando o pesquisador, sem limitar suas possibilidades. A opção teórica é o foco, o olhar que o pesquisador lança sobre o fenômeno, que o guia durante todo o estudo. Está alicerçada em uma ciência, ou seja, em uma atividade de cunho científico. Agir cientificamente é, por conseguinte, o grande desafio do pesquisador..

Destaco, em primeiro lugar, que não hesitei em utilizar a obra de Marx como aporte teórico. A obra marxista e a dialética têm sido declaradas superadas. Não penso assim e considero-as mais atuais do que nunca. Concordo com Frigotto: "A concepção dialética de realidade humano-social, enquanto uma teoria da história, parece, a despeito das profecias de seu fim, constituir-se no horizonte política e humanamente mais pertinente. Por certo, não sem desafios, limites e riscos" (2003, p. 21). Também concordo com Bensaïd, que, enquanto o capital continuar dominando as relações sociais, "a teoria de Marx permanecerá atual, e sua novidade sempre recomeçada constituirá o reverso e a negação de um fetichismo mercantil universal" (1999, p. 11). Portanto, a obra de Marx é um dos caminhos para se entender melhor este movimento do capital e buscar alternativas para a superação das conseqüências sociais. Encontro, ainda, em Löwy, uma afirmação peremptória da permanência dos escritos marxistas:

> O que constitui a força do pensamento de Marx e que explica sua persistência, sua vitalidade, seu ressurgimento perpétuo apesar das "refutações" triunfantes, os repetidos enterros e as manipulações burocráticas, é sua qualidade, ao mesmo tempo crítica e emancipatória, a saber a unidade dialética entre a análise do capital e o chamado a sua derrubada (...) (2000, p. 61).

Entendo a obra de Marx como dialética por excelência, ao apresentar uma compreensão do movimento da História, do que existe. A compreensão implica visualizar a possibilidade de fins e começos, "porque concebe toda forma acontecida no fluir do movimento e, portanto, também no seu lado transitório, porque nada pode intimidá-la; ela é crítica e revolucionária por essência" (MARX, 1968). Por isto, posso afirmar: agindo dialeticamente foi possível estudar as realidades, analisando-as, desvelando suas contradições, evidenciadas nos discursos, buscando uma unidade, ainda que

provisória, no conjunto dos movimentos discursivos. Fez-se necessário ir ao encontro da essência de cada fenômeno, como manifestação de um real.

Reitero, também, que realizei uma pesquisa cuja abordagem foi qualitativa, entendendo ser a melhor abordagem em estudos dos fenômenos sociais, diferente de elaborações positivistas, não somente porque garantiu possibilidades de a subjetividade do sujeito e o mundo real estabelecerem inter-relação, mas por considerar também as relações interpessoais entre os sujeitos da pesquisa como elemento interveniente. Não há como abordar questões relativas ao sujeito, ignorando a subjetividade. As entrevistas foram minha possibilidade de contato com o real, e este texto é a oportunidade de, com linguagem, organizar a minha compreensão do real apreendido. Ao agir, transitei de um real para um discurso sobre o real, nas entrevistas e, novamente, do discurso sobre o real para uma compreensão do real, neste texto. Este movimento, eivado de contradições, de idas e vindas, é característico desta pesquisa.

Refletindo sobre o objetivo central da pesquisa, como opção teórico-metodológica, escolhi a Análise do Discurso, como uma possibilidade de leitura não somente do discurso, da prática da linguagem, da palavra em movimento, mas do contato das entrevistadas com o real, os efeitos de sentido, da ideologia, do lugar de onde produzem seus discursos. Para Marx, a ideologia é, especificamente, a ideologia da classe dominante, serve como instrumento de dominação, mascarando os conflitos sociais. Para Gramsci (1978), as ideologias importantes são as que organicamente integram uma estrutura social. Ideologia são concepções que embasam a sociedade. Para Althusser (1985), um dos críticos das obras de Marx, a ideologia impregna os sujeitos e o Estado mantém aparelhos ideológicos e repressores para a reprodução das condições necessárias das relações sociais. Para Orlandi (1984, p. 48), ideologia "não se define como conjunto de representações, nem muito menos como ocultação da realidade. Ela é uma prática significativa. Necessidade da interpretação, a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique". Encontrei, ainda, em Chauí (1993): "O campo da ideologia é o campo do imaginário, não no sentido da irrealidade ou de fantasia, mas no sentido do conjunto coerente e sistemático de imagem ou representações tidas como capazes de explicar

e justificar a realidade concreta" (p.19). E com a mesma autora, creio que consigo sistematizar uma concepção de ideologia, que estabeleça relação também com as afirmações de Marx (2002), Gramsci (1978) e as minhas próprias elaborações acerca deste vocábulo: "A ideologia é um discurso que se desenvolve sob o modo da afirmação, da determinação, da generalização e da redução das diferenças da exterioridade face ao objeto (exterioridade que sempre é o ponto de vista do poder, pois o lugar, o olhar de sobrevôo do observador impessoal, é a figura do saber como ato de dominação), trazendo a garantia da existência de uma ordem, atual ou virtual" (1993, p. 33).

Daí porque utilizei a AD: para indicar marcas discursivas, como se evidenciam e estão inscritas as condições sócio-históricas de produção discursiva do sujeito sobre seu fazer. Vale dizer: o discurso, na perspectiva da Análise do Discurso, é o efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 2002); é a interação entre os locutores (sujeitos da linguagem afetados pela língua e pela história) para efeitos de produção de sentidos, em um processo de funcionamento da linguagem com efeitos múltiplos e variados; é o espaço no qual se observam os sentidos estabelecidos pelos sujeitos, utilizando-se da língua e evidenciando ideologias (ORLANDI, 2003, p. 21).

A pesquisa, sob a perspectiva procedimental, constituiu-se em um estudo de caso, entendido como uma pesquisa na qual, tanto pesquisadora, quanto interlocutoras[3], buscaram compreender o seu fazer em um ambiente específico, agindo e elaborando seus discursos sobre este fazer.

Subdividi os meus esforços de pesquisa em etapas: fundamentação teórica e epistemológica, fundamentação metodológica, realização da pesquisa, análise, interpretação e sistematização. Tal subdivisão garantiu-me uma melhor configuração metodológica, uma maior clareza do percurso. Realizei, ainda, dois encontros com o grupo de entrevistadas para socializar o texto da tese. No primeiro, compareceram sete professoras e, no segundo, compareceram nove. É sobre estas etapas este artigo. Abordo, a seguir, aspectos referentes às concepções prévias, entremeando-os com os

[3] A pesquisa foi realizada com vinte e cinco professoras dos primeiros aos quartos anos do Ensino Fundamental, em escolas públicas e comunitárias, da Região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

discursos das interlocutoras, para, finalmente, apresentar considerações finais.

Professores, trabalho e escola

Ser professora / professor há muito faz parte do imaginário social. Existe uma diferença social agregada àquela, àquele que ensina, pois, pressupõe-se, detém o saber. E isto a / o faz distinto. A idéia de professora / professor se propaga idealizada pelo imaginário social, um vir-a-ser diferenciado, sem ser objeto de reflexão, uma concepção cotidiana, fruto do senso comum. Entendo por senso comum, para fins deste trabalho, como o conhecimento em matéria bruta, herdado, sem ter sido objeto de reflexão científica.

Falar sobre o fazer pedagógico, contudo, implica entendê-lo como um complexo fazer histórico-social, determinante na compreensão de escola e de aula. Da mesma forma, a imagem e o conceito de uma profissão não é ingênuo, é fruto da ideologia, das crenças orientadoras do contexto cultural, da representação de trabalho. Por estes motivos, a categoria trabalho é determinante na análise de quem é a professora nesta sociedade e de seu lugar como trabalhadora. Para refletir sobre esta categoria, associei-a a outras determinações: as relações de gênero e a classe social, verificando, na confluência delas, como se produz a profissionalidade.

Para qualquer análise sobre a profissionalidade, de antemão, precisa-se ter em mente que a mera preocupação com a freqüência a cursos, simpósios, oficinas, congressos etc não garante o agir profissional. Concluir uma licenciatura em educação, obtendo um título, não quer dizer se constituir trabalhadora, trabalhador da educação. Tornar-se professora / professor inclui mais que conhecimentos apenas. Inclui a integração em um grupo de trabalhadores, cujo elemento comum é o objeto de trabalho: a produção do conhecimento. É estar integrado em um sistema organizado, do qual participam outros trabalhadores da educação, que buscam refletir e agir em prol de sua própria condição de trabalhadora, trabalhador. Implica, sobretudo, na reflexão-ação sobre e a partir do trabalho pedagógico. Em suma: os professores são trabalhadores capazes de agir em situações interativas, nas quais utilizam os conhecimentos relativos a seu trabalho, a

fim de produzirem mais conhecimentos, em conjunto com outros sujeitos. Por isto, são apenas um dos sujeitos da produção do conhecimento.

O vocábulo "profissão" possui origem relacionada às formas competitivas do capitalismo e, na educação, às lutas provocadas por acesso das camadas populares à educação, garantindo junto a inclusão no mercado de trabalho, de maneira mais qualificada. Marques (1988) destaca que uma profissão é mais que um compromisso social solidário, configura-se em uma atividade que cria sistemas de ação, implicando em relações materiais, sociais, econômicas, culturais e éticas, os quais exigem saberes técnicos-científicos.

O trabalho é, com efeito, uma das ações do ser humano, caracterizando-o como tal e propiciando sua interação com o ambiente. Trabalhar é co-natural ao ser humano, dando-lhe um lugar social.

> O trabalho como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem qualquer que sejam as formas de sociedade, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre homem e natureza e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 1968, p. 50)

Nesta perspectiva, as últimas décadas têm exigido professores qualificados, prontos para agir pedagogicamente, em exigências cada vez maiores de criatividade, autonomia, emancipação. O agir pedagógico, embora específico, insere-se no campo social, promovendo-os à condição de trabalhadores, pois a exigência de uma educação profissional conseqüente é evidenciada nos meios educacionais. Educação e trabalho estão inter-relacionados não somente na escola, mas na fábrica, no comércio e demais setores produtivos.

Não há uma precisão sobre quais exatamente são as condições de trabalho necessárias, porém, se analisada a realidade, os recursos, as expectativas, a jornada, a legislação, é possível detectar-se condições. Observei, nas escolas visitadas para entrevistas, que estas condições nem sempre são atendidas em sua totalidade. Há material disponível, não todo. Há tempos para reunião, nem sempre. O salário sempre poderia ser melhor.

Enfim, as condições de trabalho das professoras não são totalmente atingidas, ocasionando uma satisfação incompleta que perpassa os discursos e o cotidiano da profissional. Destaco também que as professoras parecem ter clara a necessidade de saber o quê trabalhar, como trabalhar, porém indicam não terem tempo para refletir melhor sobre estas questões com seus grupos de trabalho.

Muitas vezes, ouvindo as interlocutoras, me perguntava: quanto da queixa sobre as condições de trabalho é real e quanto é um discurso reproduzido no social? Analisando as respostas, caminhando pelas escolas, verificava o quão real era aquele discurso. Muitas escolas, sob meu olhar, eram paupérrimas. Um lugar de trabalho com pouco conforto, carentes de materiais, afeto, projetos, crenças. Abatia-me ver as professoras tentando superar as adversidades, sem saber exatamente como fazê-lo, acabando por, na verdade, assujeitarem-se cada vez mais. Mesmo as escolas comunitárias, se apresentavam melhores condições materiais, revelavam menores investimentos afetivos nos professores, demonstrando vê-los como trabalhadores pagos para produzirem aula. Nestes espaços, o conhecimento dos professores pareceu-me ser o elemento principal: gerava o trabalho e o mantinha ali, continuando rotinas.

Em muitas situações, inseridos nas atribuições demandadas à escola por tendências oriundas de modos de organização da produção econômica relacionada ao fordismo, sobretudo, os professores assumem-se como trabalhadores, cuja ação é a garantia da aprendizagem dos estudantes. Até bem poucos anos, a ação específica seria garantir o acúmulo de informações, a memorização. Mais recentemente, trata-se de garantir a educação de pessoas que produzem conhecimento e sabem utilizar o que conhecem.

O trabalho e a profissionalidade no discurso das professoras

O trabalho passa a ser percebido diferenciadamente: não há trabalho, nem emprego estável; aprender uma profissão é uma exigência contínua, exige inúmeros cursos, processos re-educativos; a tecnologia assume preponderância sobre o fazer manual e intelectual; trabalhar necessariamente é estar no local; surgem os trabalhos informais; os

trabalhadores se organizam informalmente em seus sindicatos e estes já não têm a força para encaminhar lutas e mudanças nas condições laborativas. Acirram-se movimentos de desemprego, precarização, intensificação do trabalho.

Neste contexto, genericamente descrito, ao longo dos anos como professora, na sala de professores, nos corredores, nas conversas informais ou nas reuniões, em todos os discursos, ouvi queixas quanto ao espaço de trabalho e as condições de vida. Os professores sentem-se cobrados e gerenciados por forças externas e alheias às suas condições, despreparados para agir em conformidade com as cobranças. Exemplificando: percebem uma inclusão das famílias na deliberação do quê e como deve ser trabalhado em aula. Percebem que um outro grupo passa a influenciar também nas decisões que antes eram apenas dos professores os chamados especialistas ou grupo de apoio, oriundos de áreas como a psicopedagogia, psicologia, fonoaudiologia, neurologia, entre tantas outras. Percebem diminuir o seu campo de decisão e atuação, existem limites impostos por estes outros sujeitos, sentem-se vigiados e limitados em sua autonomia. Questionam-se sobre como agir neste contexto, como recuperar a gerência do seu fazer. Em âmbito social, outra exigência se apresenta: há a expectativa de uma profissionalidade compatível com tempos de mudanças rápidas e de um novo tipo de capitalismo, cujo esteio é o capital informacional.

Surpreendentemente, quando iniciei as entrevistas, convidei as interlocutoras a elaborar discursos sobre sua profissionalidade, na expectativa de ouvi-las descrever um estágio de profissionalidade. Passando a ouvi-las sobre suas expectativas sobre o trabalho, estas eram bem diferenciadas do que até aquele momento ouvia, informalmente: em seus discursos, de modo geral, declaram-se satisfeitas com seu trabalho e com seu salário. Este item gerou uma série de possibilidades de interpretação e indagações surgidas durante a pesquisa:

a) as professoras enfeitaram seu discurso, produziram sentidos a partir de uma imagem que, supunham, seria interessante para minha pesquisa: a de professora satisfeita, para além de suas condições adversas de trabalho;

b) as professoras, por saberem ser uma pesquisa, temeram se revelar, pois poderiam ter que admitir e refletir sobre seu trabalho;
c) as professoras não refletem sobre seu trabalho e reproduzem discursos que circulam pelo social acerca dos professores e do fazer pedagógico;
d) os discursos desvelaram o real: as professoras estão satisfeitas com suas condições de trabalho, com a escola, com sua profissionalidade, com sua prática pedagógica e com seu salário.

Passei a buscar comprovações para minhas possibilidades de interpretação e indagações. No decorrer da análise dos discursos, vou encontrando explicações.

Inicio, reafirmando que a produção do conhecimento em aula é o trabalho da professora. Entretanto, para produzir conhecimento implica haver a interação entre os sujeitos e a professora agir como responsável pela produção da aula: todos os sujeitos possuem saberes, ao refletirem sobre estes saberes, em ambientes de linguagem, vão produzindo conhecimentos.

Algumas entrevistadas acreditam nesta possibilidade:

> O professor, eu acho que... eu acredito, que ele é o sujeito que med... vai mediar a ação do sujeito educando com o mundo, e ele vai... ele deve desafiar esse aluno a buscar a realidade, porque a gente sabe que, por nós mesmos, as lembranças de nossos professores, elas ficam, elas marcam. Então, ser professora é deixar marcas, deixar regis... registros, mas que sejam registros que venham a... a ajudar esse aluno, não que ele venha lembrar simplesmente do semblante do professor ou da saia do... da professora, mas que ele venha a lembrar "ah! Aquela professora me ensinou a pensar, aquela professora me ensinou a, a... me ajudou a... a aprender, eu ir buscar, a ser mais alguém, ela me disse uma frase que nunca esqueci". Acho que isso realmente também é o professor que desejo para os meus filhos. (PROFESSORA 11)

Interessante observar que são afirmações entrecortadas por pausas, por retificações para ganhar tempo para pensar, supus. Este aspecto, como

a estrutura da argumentação, parece denotar a insegurança do argumento. Talvez tenha sido algo lido, discutido em uma reunião de estudo. Não é uma crença, pois, a partir de certo momento, contradiz-se: se media, como pode "ensinar a pensar"? Mediar é colaborar para que alguém aprenda, criando as condições para tal. Diferentemente, ensinar, no conjunto de produções ligadas à Pedagogia Tradicional, tem o sentido de transmitir algo ser aprendido por outra pessoa, como se isto fosse possível. Ao explicitar tal concepção, a professora parece encobrir uma outra confusão teórica: entre informação e conhecimento. Sabe-se que informação é viabilizada através de qualquer meio e à escola cabe produzir conhecimento, apropriar-se da informação de modo individual e com o objetivo de transformar.

Outra professora associa a interação ao "ensinar" com maior firmeza de propósito e titubeia na referência à convivência. Ao elaborar seu discurso, pausado, retificado, entrecortado, estaria a lutar para convencer-se do que diz?

> "O trabalho do professor... O trabalho do professor seria... anh... a convivência, poder...anh... aplicar aquilo que você precisa ´ensinar´, mas de uma forma, anh... que valorize o teu estudante... anh...não ... deixar com que os conteúdos, com que as normas formais da escola não passem por cima daquilo que vai ser legal, daquilo que vai ser produtivo... Nesse sentido, o trabalho do professor é conseguir envolver o estudante pra que ele consiga aprender de maneira que ele possa participar desse processo de ensino". (PROFESSORA 09)

Aos profissionais, segundo a professora 09, cabe liderar, decidindo, propondo e garantido as condições da prática pedagógica que, para ela, é ensinar. Ensinar de modo a valorizar o estudante. Diferente da Professora 01, pois, quando lhe perguntei qual era o trabalho de uma professora, afirmou: "É de sempre tentar interagir com o aluno e tentar buscar junto".

A argumentação de que a educação implica interação entre sujeitos: sujeito-estudante e sujeitos professores, através da linguagem, é bastante rara nos discursos das entrevistadas. De modo geral, atêm-se à perspectiva tradicional de educação, defendendo que os professores ensinam e o

estudante aprende, ressaltando que os professores transmitem conhecimento.

> Bom, como eu disse antes,o meu trabalho como professora é tentar passar o conhecimento da sociedade e tentar trabalhar com eles a cidadania, a consciência do meio ambiente. Nós trabalhamos muito com o ambiente, mas quando o aluno sai da sala de aula e joga o papel no chão no corredor, a gente se sente meio frustrada, pensa: "Meu Deus, a gente trabalhou todos estes anos e ainda eles estão fazendo algo assim". Mas a gente está batalhando, sempre batendo na mesma tecla: "Não jogue o lixo no chão, cuide da natureza". Uma mínima mudança neles já é um grande sucesso. (PROFESSORA 06)

Isto é muito comum quando, no lugar de professora, é necessário continuar a despeito da falta de tempo para estudar mais. Não é a professora totalmente responsável por toda a situação, mas sente-se responsável, porque é cobrada.

Outras entrevistadas apresentam alternativas. Caracterizam-se como agentes de transformação social.

> Ah! O professor é um... viabilizador de... de... de propostas, né? Não é mais aquele que ensina. É aquele que abre caminhos para a criança ir a busca, pro... pro aluno ir buscar as ações dele e ali desenvolver o crescimento, né? Eu entendo isso como um orientador, que... que consegue orientar os passos, mostrar caminhos, não dar a resposta pronta, não aquele decoreba como era antigamente, né? Nesse sentido, eu vejo o professor. (PROFESSORA 14)

Ampliada a ação para além dos muros da escola, a professora parece encontrar razões para justificar sua ação, sua profissionalidade. O fazer pedagógico é pouco, enquanto ação, é necessário intervir no social. Um social marcado pelas diferenças, carente de ações relevantes. É neste espaço que a professora intenta encontrar o sentido de seu trabalho. Remetida a este afã, necessariamente, precisa ter uma referência teórica para seu cotidiano, sustentando-a e possibilitando-lhe seu trabalho?

> (Silêncio) Ahh, o professor ele tenta ao menos, né?... a fazer uma mudança na vida do aluno, né? Que o aluno chega, né?... assim... como os nossos aqui têm uma diferencia grande, né? A gente nem deve falar, mas a gente tenta fazer uma transformação na vida do aluno, né? ...dentro, dentro dos... dentro das... das aprendizagens que eles já trazem de casa, né? Não que a gente vá querer transformar, né? Mas, ajudar ele a crescer, né? (PROFESSORA 03)

A professora parece querer mais: quer influenciar nas dimensões futuras de vida do estudante, pressupondo uma mudança que seu trabalho pode promover. Acaba lembrando as bases da educação, solidificadas na família e, neste âmbito, seu trabalho não opera, muito menos transforma. Então, reduz a intenção para apenas "ajudar a crescer". A instabilidade de sentidos revela-se dada, possivelmente, à falta de reflexão. Não teria a professora já se permitido refletir sobre qual é e qual a abrangência do seu trabalho? É o que se afigura, tendo em vista a dificuldade em articular uma resposta. Em acordo com posições discursivas como esta, assentadas no projetar a ação para além da escola, para o social e para o futuro, encontram-se outras professoras:

> Um professor... eu acho que ele é assim, como a criança vem com aquele sonho, aquela vontade de conhecer, ele é aquela pessoa que tenta passar tudo aquilo, tudo o que ele imagina, né? O professor tentar, de um jeitinho ou de outro, sempre tentar realizar tipo aquele sonho que ele tenha, aquela vontade de conhecer mais, de aprender. (PROFESSORA 07)

Referências quanto a comprometer-se com a práxis diária encontrei no discurso da Professora 13, ao referir-se ao trabalho na escola:

> O trabalho do professor é organizar as dúvidas dessas crianças de séries iniciais... eu me refiro... organizar as dúvidas, fazer com que eles sistematizem o conhecimento, diferentes saberes, e propiciar uma... uma segurança, uma autonomia maior de vir a ser um sujeito, que... um sujeito crítico que perceba que ele pode, que ele faz a diferença, na sociedade que ele vive, né? Que não vislumbre só o

> individualismo , o eu, "eu preciso, é meu, eu quero", né? A vida é muito mais do que o meu umbigo, né? Isso é muito bonito. Eu acho que no momento que a gente começa a clarear isso na cabeça das crianças, a desmistificar um pouco esse individualismo que tem na sociedade, eles terão futuro melhor também, porque, na verdade, eu vejo que, que... que eu vivo em uma época de conflito, né? Há muitas mudanças e a geração que vai vir, de repente, eles já vão estar mais equilibrados, né? (PROFESSORA 13)

Atenta ao real, a professora sabe existir um distanciamento entre o utópico e o cotidiano, porém não se omite: "(...) eu vivo em uma época de conflito, né?" (PROFESSORA 13) Ela observa o seu entorno, entende ser um momento em crise de valores, contudo, acredita em si e em seu trabalho: "(...) a desmistificar um pouco esse individualismo que tem na sociedade, eles terão futuro melhor também (...)" (PROFESSORA 13). Neste sentido, a Professora sustenta uma proposta factível, se considerado o sentido atribuído ao contexto. Lúcida, sem ser pessimista, coerente com sua leitura, ela deseja contribuir na alteração de um real a lhe preocupar. Ao ler e reler seu discurso, lembrei das palavras de Paulo Freire, na oportunidade que, exilado, registrou sua experiência com os círculos de alfabetização: "É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e de contatos, não apenas está no mundo, está com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é" (1994, p. 47).

Creio ser esta uma ação mais conseqüente. Entretanto, não foi o destaque do discurso da maior parte das entrevistadas. Ao contrário, percebi ser difícil explicitar o agir pedagógico, atribuindo-lhe um sentido e, do mesmo modo, revelando posições discursivas o que, em última análise, é se comprometer pela palavra ou, pelo menos, saber que sua palavra não explicita o seu fazer.

Houve, ainda, quem criou figuras de linguagem para explicitar seu trabalho. Trata-se da Professora 18:

> Trabalho de um professor... eu acho que... é esse constante, esse lado que você está, ao mesmo tempo em que você está ensinando você está aprendendo, e... o psicólogo disse

> naquele dia da nossa, da nossa... conversa, coisa muito importante e interessante que eu achei, que nós somos todas professoras e somos morcegas, ele disse assim... porque nós estamos sempre sugando, o sangue, o sangue desses nossos estudantes, e que isso nos dá sempre aquela vontade de continuar trabalhando cada vez mais, então quer dizer que, a cada dia, a cada ano, a gente está se ressignificando, eu acho que como professor. E acho que esse sangue novo que circula dentro de nós que nos faz a cada dia criar novas coisas, procurar com entusiasmo trabalhar, porque o professor tem que ter entusiasmo, tem que ter amor por aquilo que faz, se ele só vai Pensar na remuneração, esperar o dia 5 pra receber ou as férias, esse então pode dizer "tchau" pra sua profissão, porque não é professor.

O discurso impregna-se de abnegação. Importa o subjetivo, o entusiasmo para a ação pedagógica. A professora parece argumentar descolada do real, do material. Nem os seus ganhos são relevantes diante da sua dedicação. Reproduz a imagem do profissional da educação que, antes de quaisquer circunstâncias, vivia para aula. No momento em que se tornou empregado do Estado, sindicalizou-se e pareceu descobrir, para além do gosto pelo que faz, a demanda por um salário digno, uma carga horária de trabalho condizente com suas possibilidades e um lugar social[4]. A Professora 18, por suas contingências sócio-históricas, aparentemente, ignora ou não considera as condições materiais de vida em um país capitalista orientado por perspectivas neoliberais.

A verdade é que este trabalho amoroso e o capitalismo nem sempre são compatíveis, pois, em uma sociedade capitalista, prepondera a obrigatoriedade, a alienação, as demandas do capital.

Considerações finais

Com certeza, para a professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, integrante do grupo de interlocutores da pesquisa, não foi fácil apresentar posições discursivas sobre o trabalho. Exigiu elaborar

[4] As referências à história da educação são embasadas em livro publicado: Ferreira, 2001.

discurso que, como mostram as contradições, a seqüência dos argumentos, não são totalmente reveladoras de suas crenças. Ao indagar, exerci o papel de colocar a professora de frente com a ausência de reflexão: qual é o trabalho da professora na escola? Seria o real trabalho de acolher, "ensinar" e reportar ao real, um estudante "transformado"? Ou deveria ser o que se lê nos livros, criado com lindas palavras. Para muitas perguntei se acreditavam no que estavam afirmando, realmente, logo após a entrevista, quando ficávamos conversando sobre trivialidades. Re-afirmavam, já não mais tão convictas, pois era o contexto da entrevista que sustentava o discurso.

De modo geral, uma linha de raciocínio orienta o discurso das professoras. Se, por um lado, afirmam algo sobre a ação, por outro, buscam comprovar com fatos, explicitando seu fazer na relação estabelecida com os estudantes, com a comunidade, com a escola. Denotam preocupação em serem coerentes e responsáveis. Interessante observar que não usam a sua profissionalidade como tema para seus discursos, abordando-a em suas características: qual é o seu fazer, como se constitui sua práxis, quais suas representações. Abordam-na por relação de sentidos, sem abordá-la diretamente, apenas por proximidade. Parecem temer ou não conhecer bem quais as propriedades de seu trabalho, de sua vida profissional.

A análise necessita continuar, pois muitos são os efeitos de sentidos que se pode produzir e, com base neles, coletivamente, encontrar alternativas para o trabalho e profissionalidade das professoras. Esta pesquisa, agora, está provisoriamente concluída, outras etapas virão. A cada leitura, certamente, estará sendo reescrito, porque texto é sempre assim, nunca fica pronto. Se, porventura, deste texto surgirem outras pesquisas, gerando outras compreensões do trabalho dos professores e destes enquanto trabalhadores, sem dúvidas, já terei alcançado alguns de meus objetivos. Paralelamente, a pesquisa, em minha profissionalidade, tornou-se momento de releitura do meu fazer e do meu agir enquanto professora que continuará, porque ser professora traduz uma condição de nunca se sentir completa, estar em uma eterna busca de sentidos em discursos, fazeres, seres.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado – Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

BENSAÏD, Daniel. **Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia.** 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

FERREIRA, Liliana S. **Educação & história.** 3ª ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 22ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LÖWY, Michael. BENSAÏD, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia.** São Paulo: Xamã, 2000.

MARQUES, Mario O. **Conhecimento e educação.** Ijuí: Editora UNIJUI. 1988.

MARX, Karl. **O capital. O processo de produção capitalista.** Rio de Janeiro: Editora Civilização 99 Brasileira, 1968. Vol. 1. Tomo 1.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento.** São Paulo: Brasiliense. 1984.

____. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos.** São Paulo: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 3ª ed. São Paulo: Pontes, 2002.